

ENTRE O NAVIO E O QUILOMBO: ECOLOGIA, RESISTÊNCIA E DECOLONIALIDADE NO PENSAMENTO DE MALCOM FERDINAND

Adaylson Wagner Sousa de VASCONCELOS*

A leitura de *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*, de Malcom Ferdinand (Ubu Editora, 2022), impõe-se como um convite à reflexão crítica sobre os dilemas contemporâneos que atravessam as relações entre natureza e humanidade. O autor, martinicano de formação e origem, elabora um discurso que busca deslocar o debate ambiental de seu tradicional eixo eurocêntrico, propondo um olhar que parte das experiências do Caribe para iluminar, de forma original, as conexões entre colonialismo, racismo e destruição ambiental. O livro não se satisfaz em apontar as insuficiências do ambientalismo clássico; ele se lança à tarefa de construir uma ecologia que seja, antes de tudo, decolonial, antirracista e feminista, recusando qualquer separação entre lutas sociais e lutas ecológicas.

A obra se estrutura a partir de uma metáfora central: o navio negreiro. Esse símbolo histórico, carregado de dor e resistência, serve a Ferdinand como imagem-chave para compreender o que denomina “habitar colonial da Terra”. No porão do navio, os corpos negros escravizados; no convés, os exploradores europeus. Essa divisão espacial não é apenas geográfica, mas sobretudo ontológica e política, pois separa os sujeitos do mundo em categorias distintas, relegando uns à morte e à exploração, enquanto outros se beneficiam da opressão e da extração dos recursos naturais. O navio negreiro, portanto, não é apenas uma alegoria do passado, mas uma chave de leitura para a persistência, no presente, das formas de dominação e exploração que estruturam o mundo moderno.

Ferdinand argumenta que a modernidade ocidental se funda em uma dupla fratura: a separação entre natureza e cultura, e a dissociação entre as lutas sociais e as lutas ambientais. Essa dupla fratura, segundo o autor, é responsável pela incapacidade do ambientalismo tradicional de reconhecer as raízes coloniais e racistas da crise ecológica, assim como pela dificuldade dos movimentos antirracistas e decoloniais de incorporar a dimensão ambiental em suas pautas.

* Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. Doutor em Letras (UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil). Professor substituto (IFPB, Monteiro, Paraíba, Brasil). E-mail: awsvasconcelos@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5472-8879>.

O resultado é um ambientalismo que, com frequência, invisibiliza o sofrimento dos povos negros, indígenas e camponeses, e uma luta antirracista que, às vezes, negligencia a destruição do meio ambiente e o sofrimento dos não-humanos.

A proposta de Ferdinand é pensar a ecologia a partir do mundo caribenho, onde as experiências de resistência, como a marronagem e o aquilombamento, oferecem alternativas concretas à lógica colonial. A resistência dos povos negros no Caribe, ao fugirem das plantations e criarem comunidades autônomas, demonstra que é possível inventar outros modos de habitar a Terra, baseados na solidariedade, na justiça e na relação harmoniosa com o meio ambiente. Essas experiências, para Ferdinand, são fundamentais para uma ecologia decolonial, pois mostram que a luta pela justiça ambiental é inseparável da luta pela justiça social e racial.

Um dos pontos altos do livro é a crítica de Ferdinand ao conceito de Antropoceno. O autor argumenta que o termo, ao generalizar a responsabilidade pela crise ambiental para toda a humanidade, invisibiliza as diferenças históricas e estruturais entre os grupos sociais. Em vez do Antropoceno, Ferdinand propõe o Plantationceno e o Negroceno, conceitos que destacam o papel central da escravidão, do racismo e da plantation na configuração da crise ecológica contemporânea. Esses conceitos permitem compreender que a destruição ambiental não é um fenômeno universal, mas resultado de um processo histórico específico, marcado pelo colonialismo e pela exploração dos corpos e dos territórios negros e indígenas.

A análise de Ferdinand também se volta para a metáfora da Arca de Noé, presente em muitos discursos ambientalistas. Para o autor, a ideia de salvar apenas alguns, deixando outros para trás, reproduz a lógica colonial de exclusão e dominação. Em contraste, Ferdinand propõe a imagem do navio-mundo, um navio sem porão, onde todos possam ocupar o convés da justiça. Essa proposta é uma crítica radical às soluções tecnocráticas e salvacionistas, que ignoram as desigualdades sociais e raciais, e uma defesa de uma ecologia que seja, antes de tudo, inclusiva e democrática.

A escrita de Ferdinand é marcada por uma densidade teórica que se mistura com relatos históricos e experiências concretas de resistência. O autor recorre à literatura, à filosofia, à antropologia e à ciência política para construir uma narrativa que conecta diferentes tempos e espaços, mostrando que a crise ecológica não é um problema isolado, mas resultado de uma história de violência e exploração. A escrita de Ferdinand é, assim, uma escrita militante, que busca não apenas interpretar o mundo, mas transformá-lo, propondo caminhos para uma ecologia verdadeiramente decolonial e emancipatória.

A crítica ao “habitar colonial da Terra” é um dos eixos centrais do livro. Ferdinand argumenta que o colonialismo não se limita à dominação política e econômica, mas implica uma transformação radical das paisagens e dos modos de vida. A plantation, como modelo de organização do espaço e da produção, é a expressão máxima desse habitar colonial, que reduz a Terra a um mero recurso a

ser explorado, ignorando as relações de interdependência entre humanos e não-humanos. O resultado é uma terra sem mundo, onde as relações de solidariedade e cuidado são substituídas pela lógica da extração e da exploração.

A ecologia decolonial proposta por Ferdinand busca, portanto, desconstruir os agenciamentos políticos que mantêm o porão da modernidade, propondo um novo modo de habitar a Terra, baseado na justiça, na solidariedade e no respeito às diferenças. O autor defende que a luta ecológica deve incorporar o antirracismo, o feminismo e o antiespecismo como questões fundantes, rejeitando qualquer tentativa de separar a justiça ambiental da justiça social. Para Ferdinand, a crise ecológica é, antes de tudo, uma crise de justiça, e só pode ser enfrentada a partir de uma perspectiva decolonial e interseccional.

A obra dialoga com uma tradição crítica que inclui autores como Sylvia Wynter, Michel-Rolph Trouillot e Eric Williams, mas também com pensadores contemporâneos do campo da justiça ambiental e da ecologia política. O livro é, assim, uma contribuição original e urgente para os estudos sociais, culturais e ambientais, oferecendo ferramentas conceituais e políticas para repensar a relação entre humanos e não-humanos, entre natureza e cultura, entre passado e presente. A proposta de Ferdinand é radical: só é possível enfrentar a crise ecológica se reconhecermos e superarmos as heranças coloniais e racistas que estruturam o mundo moderno.

A escrita de Ferdinand é marcada por uma atenção cuidadosa à linguagem e às metáforas, que não são meros recursos retóricos, mas instrumentos de análise e de transformação política. O autor recorre a imagens fortes, como o navio negroiro, a plantation e o quilombo, para mostrar como a história colonial se inscreve no espaço e no corpo, produzindo formas de vida e de morte. A escrita de Ferdinand é, assim, uma escrita do corpo, que reconhece a dor e a resistência dos sujeitos subalternizados, mais também a sua capacidade de inventar outros mundos e outras formas de habitar a Terra.

A crítica de Ferdinand ao ambientalismo tradicional não se limita a apontar suas limitações, mas propõe caminhos concretos para uma ecologia que seja, antes de tudo, decolonial e emancipatória. O autor mostra que a luta ecológica deve incorporar as lutas sociais e raciais, rejeitando qualquer tentativa de separar a justiça ambiental da justiça social. Para Ferdinand, a crise ecológica é, antes de tudo, uma crise de justiça, e só pode ser enfrentada a partir de uma perspectiva decolonial e interseccional. O livro é, assim, uma obra fundamental para repensar a relação entre humanos e natureza, e uma referência obrigatória para todos aqueles que buscam construir um mundo mais justo e solidário.

A contribuição de Ferdinand para a ecologia política é marcada pela originalidade de suas propostas e pela profundidade de sua análise. O autor não se contenta em diagnosticar os problemas; ele aponta caminhos concretos para a ação política, defendendo que a luta ecológica deve ser, antes de tudo, uma luta pela

justiça, que incorpore as experiências dos povos colonizados e subalternizados. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho* é, portanto, um convite à reflexão crítica e à ação transformadora, mostrando que só é possível superar a crise ecológica se reconhecermos e superarmos as heranças coloniais e racistas que estruturam o mundo moderno.

REFERÊNCIA

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. Tradução de Letícia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 320 p.

